

A DOR SE TRANSFORMA NO PROPÓSITO

A infância, período de grandes ensinamentos e transformações, também é o momento em que as descobertas e as vivências formam o futuro adulto. Lutar pela própria vida ainda criança é uma experiência que deixa marcas inimagináveis. **Andréa Pandolfi Barcello**, 45 anos, foi uma dessas lutadoras, mas manteve a cabeça erguida e transformou a dor em cura.

Diagnosticada aos 11 anos com leucemia linfóide, o câncer mais comum da infância, Andréa enfrentou uma das batalhas mais difíceis de se travar. “A notícia de você ter um câncer é um impacto muito grande na sua vida, não é fácil você receber um diagnóstico desses, é uma doença muito grave, são muitas incertezas, mas eu sempre tive muito apoio, tanto da equipe médica quanto da família”, afirma.

Após dois anos difíceis de tratamentos, incluindo quimioterapia e radioterapia, meses de mal-estar e dificuldades, Andréa imaginou que ficaria o mais distante possível de clínicas e médicos, mas não foi isso o que a vida lhe proporcionou. “De primeira, achei que eu nunca mais ia querer entrar num hospital, mas logo depois eu comecei a fazer trabalhos voluntários com crianças com câncer na Abrace, e daí em diante a oncologia não saiu mais da minha vida”, relata.

Após o ensino médio, ao contrário do que tinha imaginado para si, e inspirada pela vivência que teve na infância, Andréa entrou para a faculdade de medicina com o intuito de ser para outras crianças a heroína que os médicos foram para ela. “Eu entrei para a medicina já pensando em fazer pediatria e em fazer oncologia, para trabalhar nessa área, trabalhar com as crianças que têm hoje o mesmo problema que eu tive.”

Hoje, a médica oncologista pediatra reconhece que a luta contra o câncer quando criança a ajudou a crescer e encarar a vida com outros olhos. O sentimento de aproveitar e seguir em frente são fortes dentro dela. Andréa também acredita que a experiência acrescenta muito no trabalho, pois, além de conseguir se colocar no lugar dos pais e dos pacientes, a vivência da médica traz a segurança e a esperança de que é possível superar e enfrentar a doença, por mais difícil que pareça.

Para ela, a sensação de poder fazer parte da vida e da cura dessas crianças é o que

Arquivo Pessoal



mais dá sentido para a profissão. “Eu acho que a parte mais gratificante do meu trabalho é quando eu vejo a criança que terminou o tratamento, que está curada, e eu vejo que fiz parte dessa trajetória, ajudei a criança e a família a conquistar isso, chegar ao fim do tratamento e conquistar a cura.”

Depois dos desafios enfrentados tão cedo,

toda a dor vivida foi transformada em algo maior e mais bonito. Andréa acredita que, apesar das dificuldades, é imprescindível lutar e manter a esperança. “Por mais que os problemas pareçam, às vezes, intransponíveis, a gente não pode desistir”, afirma. “Se tivermos força e coragem, conseguimos enfrentar tudo que a vida botar na nossa frente.”